



O Grau zero da loucura

Sobre *Todo mundo é louco*

Gil Caroz

O aforismo *Todo mundo é louco* não diz respeito a todos os seres da Terra, mas unicamente aos seres falantes que obedecem como podem ao código da linguagem e que estão imersos em um discurso que cria laço social. É claro que, quando falamos, irrealizamos as coisas, as tornamos inexistentes – esse é o sentido da fórmula « a palavra é a morte da coisa ». Mas o que faz daquele que fala um louco consiste precisamente em que falando e tornando assim a coisa inexistente, ele lhe confere um ser. Conhecemos o exemplo de Madame Bovary[1]. Ela não existe e nunca existiu, mas seu ser é, no entanto, assegurado por uma obra que lhe dá corpo. Tomemos um outro exemplo de Russell : dizer que o rei da França é calvo é loucura, porque o rei da França não existe[2]. Além disso, « convém assinalar que, se um homem que se acredita rei é louco, não menos o é um rei que se acredita rei[3] ».

Uma defesa contra o real

O poder da linguagem e dos discursos de tornar as coisas inexistentes faz parte de um vasto dispositivo que chamamos *Outro do simbólico*. Esse Outro, conhecido como simbólico, não existe realmente. É por isso que ele é suscetível de proteger o sujeito daquilo que é insuportável no real. Quando falamos – sendo a coisa nadificada – os significantes se referem apenas a outros significantes, seus referentes permanecem um lugar vazio. Isso significa que, ao final, falamos unicamente da ausência da relação sexual. Quando o objeto *a* preenche o vazio dessa ausência, é o gozo positivado que emerge, mas ele permanece indizível. Que o lugar do referente permaneça vazio ou que ele seja obstruído pelo objeto *a*, o real é em ambos os casos excluído da linguagem. A loucura constitui assim uma defesa universal e estrutural do ser falante contra o real. Ela se apoia no Outro, mesmo se ela se instala diferentemente em cada estrutura.

Em sua *Clínica Irônica*, Jacques-Alain Miller descreve as diferentes modalidades de defesa que consistem em falar sobre o que não existe. O neurótico é louco pois faz o Outro existir ao situar o objeto *a* como a consistência lógica de seu fantasma, mas também como objeto perdido que causa seu desejo. O paranóico é louco porque situa o gozo no Outro e, assim, lhe dá consistência real. O Outro inexistente passa a ser « comilão do objeto *a*[4]». Ele se transforma em um Outro que existe, que condensa o gozo e goza do sujeito.

A esquizofrenia é a única estrutura clínica que não responde à definição de loucura como defesa contra o real por meio do Outro[5], porque a distância entre o simbólico e o real está ausente. Para o

esquizofrênico, a palavra é a coisa, ou o simbólico é real. Ele não apenas não usa o Outro para se defender do real, mas, por meio de sua ironia, ele ataca o Outro enquanto simbólico e enquanto laço social sustentado por um discurso. Em consequência, o esquizofrênico está imerso no real e não se defende dele.

Assim como a esquizofrenia é uma exceção entre as estruturas clínicas, a psicanálise é uma exceção entre os discursos sobre a loucura, porque a prática psicanalítica não é uma defesa contra o real. Pelo contrário, ela é uma ética orientada *pelo* real. Lacan assinala que o discurso analítico « não tem nada de universal » e « por isso mesmo », acrescenta, « não é matéria de ensino[6] ». Como universal, o ensino pertence ao discurso universitário, que produz um saber *exposto* que evita o real. A psicanálise não se ensina, ela se transmite no encontro de um a um, e produz um saber *suposto*, que só é válido para o Um-sozinho[7]. Quando esse saber é levado a cabo, ele implica numa fissura da articulação $S_1 \square S_2$, que é a própria condição do saber universal. Os S_1 que são isolados durante essa operação não são da ordem de uma negação do real. Pelo contrário, eles designam o real do sujeito. Nesse sentido, o discurso analítico não é nada louco.

O aforismo *Todo mundo é louco* comporta uma articulação forte entre dois termos : por um lado, diz respeito ao ensino e ao saber, e por outro, à clínica do delírio. O delírio responde à estrutura do saber. J.-A Miller apresenta o delírio como um S_2 que responde à perplexidade produzida pela emergência de um fenômeno elementar que podemos assimilar a um S_1 [8]. Segundo esta concepção, o fenômeno elementar teria o valor de um axioma, de um postulado lógico, tanto enigmático quanto inexplicável. O delírio é um S_2 que vem dar um sentido a esse elemento irreduzível e fora do sentido quando este surge na vida de um sujeito.

Generalizações

O aforismo que dá título ao nosso congresso está de acordo com a despatologização contemporânea que substitui o princípio clínico pelo princípio jurídico e a patologia por estilos de vida[9]. Entretanto, quando se considera, com base nesse aforismo, cuja contrapartida é que *todo mundo é normal*, que a doença mental e a psicose não existem mais, nega-se o real. A democratização da clínica passa a ser, a partir de então, uma forma de loucura em si. J.-A. Miller indicou em várias ocasiões que os conceitos avançados por Lacan sobre a psicose podem ser generalizados para o ser falante como tal, sem desfazer, entretanto, seu valor clínico no contexto do estabelecimento de um diagnóstico diferencial.

O automatismo mental é o Outro

Notemos, de início, uma generalização operada sobre um conceito que emana da psiquiatria e que foi forjado por Clérambault : o automatismo mental. « Forma inicial de toda psicose »[10], o automatismo mental é uma « enunciação independente[11] », um discurso paralelo, autônomo, estrangeiro, que parasita o sujeito e o atravessa. Essa parasitagem não é em si uma patologia, como propõe J.-A. Miller. É a manifestação do Outro da linguagem que é a carga que cabe ao humano como tal. Essa tese concorda com um enunciado de Lacan que soa como uma rima : « É normal, o automatismo mental! [12] » O psicótico, entretanto, se distingue pelo fato de reconhecer a presença estrangeira deste Outro que fala através dele, que fala com ele ocasionalmente e faz intrusão. O neurótico, contrariamente, ignora o fato de que o Outro fala dentro dele e mantém a ilusão de que é ele quem fala, a menos que reconheça o inconsciente. A generalização do fenômeno do automatismo mental não nos impede, portanto, de distinguir a psicose da neurose.

Paranoia ordinária

Em outro registro, o do imaginário, J.-A. Miller considera a paranoia a partir da « relação primária com o outro [13] », que é, de fato, da ordem de uma paranoia generalizada. Esta concepção tem suas raízes na relação, defendida por Lacan em sua tese, entre personalidade e paranoia. Conhecemos, por exemplo, a dificuldade, que surge ocasionalmente na clínica, em diferenciar o eu do paranoico da fortificação ao estilo de Vauban [14] que constitui o eu do obsessivo; porque qualquer que seja a estrutura do sujeito, o eu é paranoico. Isto já pode ser lido em Freud quando ele descreve, em *A negação* [15], a construção do eu que consiste, diz ele, em localizar o objeto bom no interior do eu e o objeto ruim no exterior – essa localização do gozo ruim no exterior é um modo de relação paranóica com o outro. Observemos ainda que esta concepção do eu paranoico tem percorrido o ensino de Lacan desde o estágio do espelho, onde reina a lógica agressiva do « é você ou eu ». E, se considerarmos que o eu não é apenas hostil ao outro, mas que é também narcísico, podemos falar da paranoia como normal e correlata a uma megalomania generalizada ou ordinária.

Observemos que a constituição do eu – de acordo com o estágio do espelho – ocorre em dois tempos. No primeiro tempo, o do organismo, o corpo é fragmentado. No segundo tempo, a imagem unificada do corpo se constrói, os órgãos são reunidos e articulados. Encontramos nesses dois tempos do espelho os dois tempos da construção de um delírio, sendo que, no segundo tempo, o eu é uma esfera sem falhas que se mostra equivalente à construção delirante. Após o estágio do espelho, é a partir da imagem de seu corpo unificado que o sujeito forja uma imagem fantasmática do mundo como uma forma esférica e ideal, como o globo que adorna o pôster do nosso XIV Congresso da AMP. J.-A. Miller assinala que essa paranoia generalizada como uma relação primária com o outro contradiz as concepções de compreensão fundamental do outro de acordo com as teorias da intersubjetividade [16]. Ao invés de ser compreensível, o outro é fundamentalmente estranho e ameaçador.

A forclusão : uma transferência de dimensão

O delírio generalizado, como descrito até agora, é uma construção imaginária ou simbólica. A forclusão, quanto a ela, diferentemente do delírio, não é uma construção, mas uma rejeição de um elemento do registro do simbólico que reaparece no real. J.-A. Miller chama essa passagem de um registro para o outro de *transferência de dimensão* [17]. Esse fenômeno atravessa todas as estruturas.

Um significante é rejeitado no real quando condensa um excesso indizível de gozo. O caso do « homem dos miolos frescos » de Ernest Kris, comentado por Lacan [18], mostra claramente como a impossibilidade de o significante suportar a pulsão produz uma rejeição no real sob a forma de um acting-out. Trata-se aqui, de fato, de uma forclusão que não se produz em um quadro de psicose, mas na relação entre o analista e o analisando. Podemos considerar que a intervenção do analista, que não leva em consideração a palavra do paciente como uma verdade sobre a pulsão oral, rejeita essa pulsão do simbólico. Essa pulsão, então, reaparece no comportamento do paciente que a coloca em ato. O indizível que não foi ouvido pelo analista retorna no real do lado do paciente.

Na histeria, igualmente, tal passagem no real pode se manifestar na pantomima do sujeito, isto é, em sua conduta no mundo. Lembremos da paciente na apresentação de doente de Lacan, que ouve o insulto « porca » [19] retornar no real, testemunhando um gozo indizível que a invadiu no momento em que ela encontrou o amigo de sua vizinha no corredor do prédio. Nas mesmas circunstâncias, escreve J.-A. Miller, um sujeito histérico não teria ouvido uma voz, mas « não é impensável que [isto] retorne no real, por exemplo, sob a forma – agir como se todos os homens fossem porcos [20] ». Na neurose obsessiva, é o olhar do pai que pode assumir consistência e produzir uma inibição extrema. Essa consistência real do olhar é uma manifestação da obscenidade do supereu que o significante não pode mais conter e que é então rejeitada do simbólico e deslocada para o real.

Essa série de conceitos relativos à psicose, generalizados e atribuídos ao ser-falante como tal, mostra bem que o aforismo *Todo mundo é louco* pode perfeitamente coexistir com o reconhecimento do real da clínica. O fato de esses fenômenos atravessarem as estruturas psíquicas não conduz necessariamente à supressão dessas estruturas.

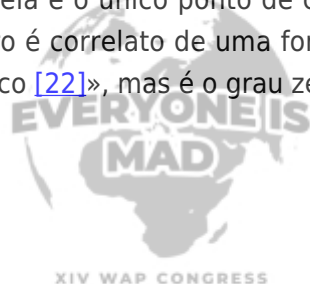
Uma forclusão inerente à cura

Voltemos à questão do ensino. É preciso ser louco, diz Lacan, para querer ensinar psicanálise do modo universitário, como um saber exposto e universal. No entanto, a formação do psicanalista está no centro da ação das Escolas da AMP. Isso significa que, se não há um ensino significativo da psicanálise, há, como vimos, uma possível transmissão de um a um. Mas o saber em jogo nessa transmissão difere do saber que domina, aquele em que o mestre é o agente. É um saber que produz horror. Lacan observa, aliás, que é duvidoso que os candidatos à análise se engajariam na experiência se soubessem com antecedência que a destituição subjetiva está escrita no bilhete de entrada. Ele continua : « O simples estabelecer uma interdição daquilo que se impõe de nosso ser equivale a nos oferecermos a uma reviravolta do destino que é maldição. O que é recusado no simbólico, recordemos o veredito lacaniano, reaparece no real. [\[21\]](#) »

Em outras palavras, há uma forclusão possível, inerente à própria cura analítica, quando se recusa o saber decorrente da destituição subjetiva. Essa destituição, que se impõe ao sujeito em análise, implica que aquilo com que ele se sustenta – seu sofrimento, seu fantasma, suas identificações, sua queixa, sua divisão e sua suposição de saber – não lhe serve mais como recurso. O sujeito só pode então apoiar-se sobre sua própria existência posto que ela é o único ponto de certeza capaz de orientar sua ética. Esse reconhecimento da inexistência do Outro é correlato de uma forma de reconhecimento do real. Ele pode provocar « o horror, a indignação, o pânico [\[22\]](#) », mas é o grau zero da loucura.

Tradução : Carina Arantes Faria

Releitura : Maria Sueli Peres



[\[1\]](#) Miller J.-A., « O Um é letra », *Opção Lacaniana*, nº83, setembro 2021, p. 56.

[\[2\]](#) Miller J.-A., « A psicose no texto de Lacan », *Curinga*, nº13, setembro. 1999, p. 97.

[\[3\]](#) Lacan J., « Formulações sobre a causalidade psíquica », *Escritos*, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1998, p. 171.

[\[4\]](#) Miller J.-A., « Clínica irônica », *Matemas I*, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1996, p. 197.

[\[5\]](#) *Ibid.*, p. 190.

[\[6\]](#) Lacan J., « Transferência para Saint-Denis ? Lacan a favor de Vincennes ! » In : *Correio* – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, (65). São Paulo : EBP, 2010/ 1978, p. 31.

[\[7\]](#) Miller J.-A., « Todo mundo é louco » – AMP 2024, *Opção Lacaniana*, nº85, dezembro 2022, p. 12. Texto de orientação do congresso da AMP 2024. Há vários pontos que são desenvolvidos aqui.

[\[8\]](#) Miller J.-A., « A invenção do delírio », *Opção Lacaniana OnLine/antigos/pdf/artigos/JAMDelir.pdf*, p. 1-25.

[\[9\]](#) Miller J.-A., « Todo mundo é louco », *Opção Lacaniana*, nº85, op. cit., p. 10.

- [10] Miller J.-A., « Lições sobre a apresentação de doentes », *Matemas I*, Jorge Zahar Ed., 2016, p. 144.
- [11] *Ibid.*, p. 145.
- [12] Lacan J., « Em direção a um novo significante », *Opção Lacaniana*, nº6, outubro 1993, p. 3-5.
- [13] Miller, J.-A. « La paranoïa, rapport primaire à l'autre », *The Lacanian Review*, nº10, décembre 2020, p. 56-90.
- [14] Lacan, J. « A agressividade em psicanálise », *Escritos, op. cit.*, p. 111.
- [15] Freud, S. « A negação », *Obras completas*, volume 16 : O eu e o id, « autobiografia » e outros textos (1923-1925), São Paulo : Companhia das Letras, 2011, p. 251-252.
- [16] Miller, J.-A. « La paranoïa, rapport primaire à l'autre », *op. cit.*, p. 82.
- [17] Miller, J.-A. « Foraclusão generalizada », *Opção Lacaniana*, nº84, fevereiro 2022, p. 39.
- [18] Lacan J., « A direção do tratamento e os princípios do seu poder », *Escritos, op. cit.*, p. 605-607.
- [19] Lacan J., « De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose », *Escritos, op. cit.*, p. 540-541.
- [20] Miller, J.-A. « Foraclusão generalizada », *Opção Lacaniana, op. cit.*, p. 41.
- [21] Lacan J., « Proposição de 9 de outubro de 1967 », *Autros Escritos*, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2003, p. 257.
- [22] *Ibid.*

